

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. . 5090

N.º 41 — VOL. III.

Sabbado 15 de Outubro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — ANNO 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — O castello d'Ham — A ponte d'aréis — A noiva da aldeia — Vista do interior da cathedral de Milão — A escola d'Athenas — O amor e o dever, continuação — O monge — Um passeio ás hortas
GRAVURAS: — O castello d'Ham — Vista do interior da cathedral de Milão — Paisagem e costumes suíços — A escola d'Athenas — A noiva da aldeia.

Historia da actualidade.

Finalmente a questão de Marrocos com Hespanha já saiu dos meios de composição, e por isso no reino visinho redobram os preparativos para a guerra.

— Nada por ora de resolução das conferencias de Zurich, e as noticias que d'ali veem, umas dão proxima a assignatura das suas resoluções, outras adiam-a ainda indefinidamente.

— O conde de Colloredo foi accommettido em Zurich de um ataque apoplectico, havendo pouca esperanza de o salvar.

— Os jornaes inglezes aconselham o gabinete a não tomar parte no congresso, se acaso se realizar a restauração dos duques.

— O governo hespanhol tem fretado embarcações para transportes de tropas e material de guerra para Marrocos.

— O *Great Eastern*, que tinha soffrido nas machinas alguma avaria na primeira viagem de experiencia, foi reparado, e já está em estado de navegar, porém os directores adiaram por ora a viagem d'este gigante dos mares.

— Walker tentou na America outra invasão sobre as possessões hespanholas, mas a vigilancia das autoridades americanas fizeram abortar a tentativa, sendo o fi-

libusteiro preso, e grande parte dos seus associados.

— A noticia de que o governo hespanhol tinha declarado guerra a Marrocos, foi recebida em todas as provincias de Hespanha com grande enthusiasmo.

— A *Gazeta piemontesa* publicou um decreto autorizando o governo a contrahir um emprestimo de quatrocentos milhões de francos.

— Diz-se que o exercito hespanhol de operações contra Marrocos será elevado á força de cincoenta mil homens, divididos em tres corpos de exercito, e uma divisão de reserva.

— A questão italiana cada vez se vae complicando mais, e parece que finalmente se não resolverá senão por meio das armas, pois o espirito publico continua vivamente agitado.

— A celebre tragica Ristori, que tem dado varias representações no theatro de S. Carlos, tem

sido sympathicamente applaudida. Em consequencia das recitas da companhia italiana, a insigne actriz passa a representar no theatro de D. Maria II.

— O governo portuguez vae enviar outra vez para as aguas de Marrocos um vaso de guerra, para dar protecção aos subditos portuguezes ali residentes.

— A nova escuna *D. Marianna*, que proxima se espera de Inglaterra, fará a sua primeira viagem para Moçambique.

— Diz-se que o nosso governo vae expedir para Africa o brigue *Pedro Nunes*, que fará uma estação de tres annos em Angola.

— No dia 22 do corrente transportaram-se para o jazigo da casa de Bragança os restos mortaes da senhora imperatriz e rainha D. Carlota Joaquina, esposa d'el-rei o senhor D. João VI, que estavam depositados em S. Pedro de Cintra.

— Tambem na semana immediata se transferem para o jazigo dos cardeaes patriarchas em S. Vicente de Fora, os despojos mortaes do senhor D. Guilherme I, que falleceu de febre amarella, e se soterrou no cemiterio do Alto de S. João.

— Fallam os jornaes estrangeiros n'uma proxima entrevista do imperador d'Austria com o da Russia, mas os jornaes d'esta ultima nação não acreditam tal noticia.

— Diz-se que a França exige agora do Piemonte uma indemnisação pelas despesas da guerra, calculada em trezentos milhões de francos.

— Foi preso um cathedratico da universidade de Leipzig por ter subtrahido da bibliotheca da academia grande numero de manuscritos interessantes e curiosos.

— Em Paris vão construir-se mais dez egrejas novas, que deverão estar edificadas no prazo de oito annos.

— Muitos mancebos



O castello d'Ham.

das melhores famílias de Leão resolveram entre si depositar em casa de um tabellião fundos, para á sua custa, e na qualidade de amadores acompanharem a expedição da China.

— Parece que o celebre pintor Van-Halen acompanha o exercito hespanhol contra Marrocos, para reproduzir com o pincel os feitos das tropas.

— A expedição hespanhola será commandada pelo general O'Donnell, e na sua ausencia fica encarregado da presidencia de ministros o general Mac-Mahon.

— Esperava-se que se assignasse a paz entre a expedição franco-hespanhola e o imperador anamita, porém as ultimas noticias dizem que os plenipotenciarios cochinchinezes só tratam de ganhar tempo.

— Mr. de Lamartine vaie abrir, no proximo inverno, no palacio da Industria, em Paris, um curso de litteratura e poesia, em vinte lições. O local poderá conter vinte e cinco mil auditores. A entrada é de cinco francos por pessoa. Se nas vinte lições os logares estiverem todos tomados, o illustre poeta conseguirá a somma precisa para pagar aos seus credores.

— A imperatriz da Rússia quando passou por Genebra encarregou um vendedor de comestiveis d'aquella cidade da compra de galinhas e outras aves para consumo de sua casa durante o inverno, no valor de quarenta mil francos.

O castello d'Ham.

Ham é uma pequena cidade de França no departamento do Somme, e que não chega a ter dois mil habitantes: é cercada de fossos e de terrenos inferiores ao nivel do seu assento; tem a consideração de praça de guerra, segura e bem fortificada, com tres unicas portas. Na cidadella, que é forte, ha um torreão, ou torre redonda, de cem pés de diametro e outros tantos d'altura, cujas muralhas tem de grosso trinta e seis pés. Deve a sua celebridade á ter sido modernamente prisão d'estado de illustres personagens, bem conhecidas na historia contemporanea: em 1816 aqui esteve preso o general Monecy por se ter recusado a julgar o marechal Ney; aqui expiou o seu desacerto o capitão Chaumareys, commandante da fragata *Medusa*: depois foi o logar da detenção de mr. de Polignac, do conde de Peyronnet, e outros ministros de Carlos X, quando, expulso este monarcha do throno francez pelo notavel acontecimento de Julho de 1830, foram aquelles condemnados a perpetuo captivoiro, de que posteriormente os libertou um acto de generosa amnistia. Por fim, o principe Luiz Buonaparte, actual imperador dos francezes, tendo caído prisioneiro, em consequencia da sua mallograda tentativa sobre Boulogne, com que intentava sublevar o povo francez a favor da sua familia, foi tambem ahi recluso. Provavelmente se não fosse esta serie de presos celebres, que tem sido encerrados dentro das muralhas de Ham, nunca a maior parte da gente teria ouvido fallar n'esta pequena cidade do territorio francez.

Ufana-se esta povoação de ter sido a patria do famoso orador das camaras francezas, o general Foy.

A ponte de arcia.

Conclusão.

Em pouco tempo, porém, e sem causa apparente, operou-se uma grande mudança no procedimento e nas maneiras de Augusto: o seu zelo converteu-se em desalento, e a actividade em indolencia: era a alma de todos os prazeres e de todas as festas da casa, e agora viam-no, sombrio e taciturno, procurar com empenho a solidão; uma pallidez prematura substituiu em suas freccas faces a brilhante e bem distincta cór da saude: em uma palavra, observaram-se n'elle todos os symptoms de profunda alteração physica e moral. Vivamente impressionado, seu mestre interrogou-o muitas vezes, mas não pôde obter resposta satisfactoria. Tão rapida mudança procedia, sem a menor duvi-

da, d'uma affecção moral, e esta devia ser tambem muito poderosa para ter produzido desorganização tão terrivel e rapida; mas como se lhe havia de conhecer a natureza e a origem? Eduardo perdia-se em conjecturas, e nada podia comprehendê-lo; tampouco queria resolver-se a deixar perder em flor aquelle discipulo, a quem amava como a um filho. Decidido, pois, a arrancar-lhe a confissão do seu segredo, para salvá-lo depois por qualquer preço, entrou uma manhã no quarto d'Augusto, e preparou-se a empregar todos os meios, desde a brandura até á severidade, desde o rogo até á ameaça. Augusto, porém, não estava no quarto, e a cama, intacta, dava a entender claramente que não dormira em casa. Em extremo surprehendido, Eduardo procurava a explicação d'aquelle mysterio, quando, olhando para uma mesa, viu uma carta cuja direcção era para elle.

Abriu-a immediatamente, e leu o seguinte:

«Meu bemfeitor. — Tenho gasto todas as minhas forças lutando contra um sentimento que não posso dominar; permanecer em vossa casa mais um dia seria condemnar-me a morrer, porque não poderia supportar a vista incessante de um thesouro, á posse do qual não me é permitido aspirar. . . Oh! Nunca pode nem deve pertencer-me, pois o estimo muito para confiá-lo a este infeliz, a quem vossa caridade tirou da miseria; e para pensar em roubar-vol-o, sinto que a gratidão falla com muita eloquencia no meu coração. Adeus, pois: não me accuseis d'ingrato; e se alguma vez vos dignardes pensar em mim, pedi ao ceo que me conceda forças para trabalhar, afim de ver se na gloria encontro lenitivo á minha dor.»

O mysterio estava explicado, e nossos leitores comprehendem-o-hão perfeitamente quando souberem que Eduardo tinha uma filha de dezoto annos, e que Mathilde (era este o seu nome) fôra tão felizmente dotada pela natureza, que não se sabia o que n'ella se devia mais admirar, se a formosura ou a bondade, o talento ou a modestia.

— Que cabeça! exclamou o ancião acabando de ler a carta de Augusto; mas que honradez e que lealdade! Merece bem o que por elle tenho feito.

Depois de varias indagações, soube que o jovem architecto partiria para a Italia; mas foi-lhe impossivel descobrir em que povoação tinha fixado a sua residencia.

— Vamos, disse consigo, se alguma coisa pode dulcificar a sua pena, é seguramente o espectáculo das maravilhas espargidas n'essa terra classica das bellas artes. Permita o ceo que encontre ahi o seu allivio, porque nunca conheci tanto como agora o muito que o amo, e me é insupportavel a idéa da sua ausencia.

Haveria pouco mais ou menos seis mezes que Augusto se expatriara, quando se apresentou um excellente casamento para Mathilde: lord T***, filho d'um par de Inglaterra, viu-a em um baile, e, encantado das suas graças, oito dias depois foi pessoalmente pedir a Eduardo a mão de sua filha. Aquella excellente alliança teria excedido os desejos e as previsões de outro pae, mais ambicioso que Eduardo; este pois ficou maravilhado com a proposta, e apressou-se a participar a Mathilde o inesperado favor que lhes deparava a fortuna. Com a maior surpresa viu que ella o escutava sem manifestar a mais pequena commoção, e que lhe respondia em tom decidido, ainda que respeitoso:

— Meu pae, agradeço-vos do coração o prazer que vos inspira um successo em que fundae a minha felicidade futura, e crêde que sinto muitissimo não participar da vossa opinião n'esta circumstancia. Todavia, se exigis que aceite a offerta de lord T*** estou prompta a obedecer-vos; mas permiti que antes vos recorde uma promessa que me haveis feito.

— Qual, minha filha? perguntou Eduardo, cada vez mais admirado.

— A de consultar a minha inclinação, e não empregar a vossa autoridade para obrigar-me ao cumprimento de tão importante acto, como é o matrimonio.

— E serei escravo d'essa promessa, minha filha, porque o que principalmente desejo é que sejas feliz. Confesso-te, não obstante, que apresentando-te tão magnifico futuro, estava longe de prever a tua opposição: espero, comtudo, que, reflexio-

nando melhor, a tua determinação não seja irrevogavel.

— Tenho pensado bem, meu pae, e posso assegurar-vos que não mudarei de opinião.

— Ao menos não te negarei a fazer-me saber os motivos, pois por minha parte não vejo difficuldade possivel á alliança que se nos propõe: lord T*** é moço, de boa presença, e de physionomia agradável; a sua fortuna é immensa, e a sua posição tão elevada, que se elle não tivesse sido o primeiro a distinguir-te, nunca nós nos teriamos atrevido a aspirar á honra de pertencer á sua familia.

— Effectivamente, meu pae, se eu pudesse ser ditosa satisfazendo o meu amor proprio ou a minha ambição, não duvidaria um momento de conformar os meus desejos com os vossos; mas que importa que satisfaçamos as nossas ambições e o nosso amor proprio, se fica um vacuo em o nosso coração?

— Já comprehendo; não amas lord T***, e não o estranho, minha filha, visto que apenas o conhecees. Assim, pois, tranquillisa-te, que não desejo chegar a uma conclusão violenta; terás todo o tempo que quizeres para observar esse joven inglez, e estou persuadido de que fazendo-se apreciar triumphará por fim da tua indifferença.

— Nunca, meu pae.

— Fizeste porventura outra eleição?

— Sim, senhor.

— E essa eleição é para mim um segredo? Já não mereço a tua confiança?

— Meu pae, não me faças mais perguntas, eu vol-o supplico, porque vos affligiríeis: o que amo não tem posição nem fortuna; e ainda quando quizesseis estender-lhe a mão para elevá-lo a vossa posição, nem por isso seria mais feliz, porque elle... não me ama... Oh! não, não. Se me amasse, não se teria ausentado, nem nos occultaria o logar do seu retiro.

Estas palavras de Mathilde foram um raio de luz para Eduardo, que julgou prudente terminar uma conversação que em nenhum caso podia levar a satisfatorio resultado. A unica coisa que fez foi prometter a sua filha não tornar a fallar-lhe em casamento nem com lord T*** nem com outro. Mathilde agradeceu-lhe com os mais vivos transportes de reconhecimento, protestando que o seu unico desejo era não se separar de seu lado e dedicar-lhe exclusivamente os seus pensamentos e carinhos.

Dois annos depois, tudo tinha mudado em casa de Eduardo; já não se viam luxuosas habitações nem numerosos criados; a antiga fama, as recepções e a magnificencia; o movimento e a animação que produz a riqueza tinham desaparecido: o ancião e sua filha occupavam uma modesta habitação, cujos moveis eram unicamente notaveis pela sua simplicidade; os seus servos reduziam-se a uma mulher, que se empregava nos trabalhos caseiros; e raras eram as visitas que recebiam. Os amigos possuem uma sensibilidade exquisita: fogem do espectáculo da miseria que afflige os mesmos a quem incensavam na opulencia!

Eduardo estava completamente pobre, porque a quebra d'um banqueiro tinha feito desaparecer toda a sua fortuna; além d'isso, a idade não lhe permittia já trabalhar para remediar aquelle desastre, e havia mais d'um anno que deixara de exercer a sua profissão. Ter-se-hia visto, por consequente, sem recursos, se o governo, tomando em consideração os seus longos e bons serviços, não lhe houvera dado, como premio, uma modica pensão.

O pae e a filha, ainda que não inteiramente felizes como nos dias do seu esplendor, consolados ao menos pelo seu mutuo affecto, viviam, por assim dizer, solitarios, quando certo dia lhes annunciaram a visita de um desconhecido. Ao mesmo tempo um galante rapaz, de uns vinte cinco annos, condecorado com muitos habitos de governos estrangeiros, se apresentou na entrada da salinha em que Eduardo dividia com sua filha uma comida frugal. Mathilde còrou, e logo depois empalideceu.

— O senhor Augusto! exclamou com inexplicavel perturbação.

— Augusto! meu querido Augusto! disse Eduar-

(*) Do num. 38.

do estreitando contra o peito o mancebo, que se lhe precipitara nos braços.

— Sim, meu bemfeitor, meu pae... sim, sou eu mesmo. Sube as vossas desgraças, e voei a pôr-lhes termo, visto que ao presente sou rico, e tenho uma posição. Varios trabalhos executados em Italia, por inspiração de vossos preceitos, me grandegaram a protecção d'um principe amigo das artes: a sua mão liberal prodigalisou-me títulos, riquezas e todas as recompensas imaginaveis, para alentar os meus esforços e chegar-me á sua pessoa. Vinde, pois, comigo; vinde tomar posse de uma fortuna que vos pertence, por que é obra vossa.

— Não permita Deus, meu amigo, respondeu Eduardo, que eu abuse d'essa nobre prova da tua gratidão. Prosegue sem estorvos a carreira que começaste com tanto brilho, certo de que os teus triumphos constituirão o meu orgulho e a minha melhor recompensa: inspiras-nos, tanto a minha filha como a mim, um interesse demasiadamente sincero para aceitar a tua offerta expondo-te a comprometter o teu futuro.

— O meu futuro! O unico que ardentemente desejo é a vossa felicidade. Teméis comprometter o acompanhando-me? Ah! se quizesseis, e o coração d'esta senhora se não oppozesse, poderíeis, pelo contrario, assegurar-m'o; porque o amor que me obrigou a fugir, tem-se augmentado duplicando a minha energia e as minhas forças: a elle devo o ter adquirido nome, e só hei desejado e obtido este nome para ter o direito de poder dizer ao offerecer-vol-o: Julgael-o digno de vossa filha?

— Augusto, respondeu Eduardo com ternura, ha tres annos que eras um joven desconhecido e pobre: afastando-te do meu lado mostraste-te generoso. Hoje a obscuridade e a miseria são o meu patrimonio: devo mostrar-me menos generoso do que tu?

— Meu pae, não vos pertence negar-vos á minha solicitude, replicou Augusto. Espero a vossa resposta, senhora: accrescentou dirigindo a Mathilde um olhar supplicante.

— Aceito, disse Mathilde, estendendo-lhe a mão: sim, senhor Augusto, aceito... e sem o menor escrupulo, meu pae, proseguiu sorrindo-se para Eduardo, porque do mesmo modo teria accedido ha tres annos, se elle tivesse tido sufficiente confiança em nós para revelar-nos o seu segredo.

Depois d'esta confissão de sua filha, não era possível que Eduardo se recusasse por mais tempo; consentiu pois em tudo, e com tanto maior gosto, quanto que aquella união era interiormente o mais constante desejo de sua alma desde que conhecera os sentimentos de Mathilde.

O consorcio d'estes jovens celebrou-se d'ali a pouco, e ao sair da igreja disse Augusto a seu sogro, olhando para Mathilde com orgulho:

— O certo e positivo é, que por uma ponte de areia cheguei a conquistar este precioso thesoiro.

A noiva da aldeia.

Damos hoje a copia reduzida d'um quadro de Greuze, pintor da escola franceza do seculo passado, e que nasceu em 1726. A mãe e o pae da noiva, se despedem de sua filha entregando-a ao esposo mancebo; as physionomias e as posturas das personagens são muito expressivas e ao mesmo tempo naturaes n'esta pintura: encosta-se ao hombro direito da noiva uma rapariga toda chorosa, que parece ser irmã, que fica cheia de saudades e porventura d'inveja; a figura do tabellião é muito notavel, e não menos o é a cara bochechuda d'um rapaz que, firmando-se nas costas da cadeira da velha, estende quanto pode o curto e roliço gasnete para dar fe do que se passa, e olha para a scena, de que não vira igual na casa paterna, com modos de pasmado e quasi estupidamente.

Quasi todas as obras de Greuze representam acções moraes ou quadros campestres, como o *Pae paralytico*, a *maldição paternal*, o *regresso do caçador*, etc.: não costumava procurar assumptos na

mythologia e na historia, ia sempre buscal-os ao interior das casas pobres, sob o colmo da choupana do singelo lavrador; possuia sobretudo em summo grau a arte d'ennobrecer o genero rustico sem lhe alterar a simplicidade; nada tomou do *estyllo* e *genio* dos artistas, que o precederam; pelo menos no que toca ao espirito e gosto das suas composições. Todos os seus paineis respiram vida e sensibilidade, e são mui dignos d'attenção pela disposição pittoresca das figuras. Alguns lhe notaram os defeitos de reproduzir em todos os quadros quasi sempre as mesmas cabeças, de falta de elegancia no desenho dos corpos, de mau gosto nas roupagens: todavia as cabeças são tão expressivas e admiravelmente acabadas que nenhum pintor francez do seculo passado o igualou n'este ponto; o desenho é vigoroso e correcto, e as *carnes* extremamente bellas.

O pae de Greuze não o destinava a profissão das artes, mas debalde lhe vedava rabiscar cadernos de papel, encher de traços de carvão as paredes, a inclinação podia mais que tudo; e na contenda entre pae e filho metteu-se de pernicio um pintor de Leão chamado Grandon, que foi o primeiro mestre de Greuze, levando-o para sua casa e dando-lhe lições de miniatura, em que o discipulo muito aproveitou, até pôr-se em estado de ganhar a vida pelo seu trabalho. Porem como era extremamente modico o lucro que recebia dos retratos que tirava, determinou Greuze subir a genero mais nobre; e frequentou em Paris na academia das artes o estudo de modelos: não tinham feito muito caso d'elle os professores, e quando appareceu com o seu excellente quadro do *Pae* de familias explicando aos filhos a Biblia, todos duvidaram de que pudesse ser uma obra tal o primeiro ensaio d'um pintor obscuro, e ainda mais de que fosse seu autor quem a apresentava. Respondeu Greuze a estas suspeitas e desprezos com outras obras igualmente bellas, e talvez mais perfectas; e então os mestres e amadores lhe reconheceram o talento e sábiu de ponto a sua reputação. O quadro do *cego enganado* lhe franqueou a admissão a membro da academia; e os paineis que apresentou nas exposições publicas lhe deram grande voga e credito. Tinha este habil pintor quasi concluidos os oitenta annos quando o arrebatou a morte a 21 de Março de 1803.

Vista do interior da cathedral de Milão.

Milão, antiga capital das possessões austriacas, que formavam o reino lombardo-veneziano, é a terceira cidade d'Italia, depois de Roma e Napoles, pela sua população e importancia; os habitos e costumes de seus moradores lhe dão a apparencia d'uma cidade de França, e alguns chegaram a chamar-lhe «Paris em ponto pequeno»: a lingua franceza é muito vulgar até entre o povo mudo, de forma tal que um viajante moderno conta que ouvira dois amoladores cantar n'uma rua de Milão e com graça e propriedade alguns trechos de musica da opera *Roberto do diabo*, — escutando-os attenta e curiosamente muita gente do povo que por ali transitava.

Esta antiga cidade é mencionada pelos antigos historiadores, Tito Livio e Polybio, com o nome de *Mediolanum*, e pertenceu n'esses remotos tempos aos gallos cisalpinos, a quem os romanos a tomaram duzentos e vinte e um annos antes da era christã; soffreu com a queda do imperio occidental a invasão dos barbaros do norte, que a destruíram, ficando até o seculo nono sepultada na obscuridade; n'esta epoca começou a resurgir, e gradualmente chegou a ser a principal cidade da Lombardia. Os francezes, os hespanhoes, e os austriacos disputaram a posse de Milão, como chave da Italia, e alternadamente e por vezes a possuiram: hoje está incorporada nos domínios da casa de Saboya, pelo recente tratado de paz, chamado de Villafranca, celebrado entre o imperador de Austria e o dos francezes.

Está assentada no meio d'uma dilatada planície entre os rios Olona e Lambro, com os quaes se communica pelo canal *il naviglio grande* que rodeia toda a primitiva cidade velha; e tambem por este e por outro canal, *il naviglio di maresana* tem com-

municação com o lago maior e o lago de Como para um lado, e com o rio Pò para o outro. O circuito externo da cidade anda por dez milhas inglezas; e calcula-se a população em cento e trinta mil almas.

Milão tem muitos e grandes monumentos, e o famoso theatro de la Scala, que é dos primeiros da Europa pela vastidão da casa, riqueza das decorações, pompa do espectáculo, numero e excellencia da orchestra; porem a gravura, que hoje damos, nos restringe a fallar por agora da sumptuosa cathedral ou sé, conhecida dos italianos pelo nome de *il duomo*. E situado este templo no centro da cidade: é um edificio no genuino estylo gothico, celebrado como o segundo de Italia depois de S. Pedro de Roma, todo de marmore branco, com duzentos e noventa e oito pés de largura e quatrocentos e noventa de comprimento, dividido em cinco naves por vinte e duas enormes columnas gothicas, e allumiado por cinco cupulas: a altura, de baixo do principal zimbório é de duzentos e cincoenta e oito pés: as arcadas correspondentes teem quarenta e oito pés de largura, e as columnas, que as sustentam, oito pés de diametro. O frontispicio, que é muito ornado e de estylo mixto, foi começado quando a igreja, em 1386, por João Galeão Visconti, duque de Milão, e acabado quando Bonaparte dominou na Lombardia: o todo do edificio ainda não está completo. Da galeria do alto do zimbório grande, para onde é necessario subir quinhentos e vinte degraus, desfructa-se a esplendida vista da extensa planície lombarda, regada por muitos rios e canaes que a fertilisam, e matizada de povoações; e que do lado do norte, em forma de meia-lua, é fechada pela magestosa cordilheira dos Alpes.

A sé de Milão, contemplada exteriormente, maravilha o espectador; com suas cem agulhas ou flechas e perto de tres mil estatuas de varios tamanhos parece uma serra e uma floresta de marmore. No interior ha para admirar a riquissima capella subterranea, onde repousam os restos mortaes de S. Carlos Borromeu, arcebispo d'esta igreja, os baixos relevos do côro e a estatua de bronze de S. Bartholomeu esfolado vivo, que faz arripiar o corpo, e todos os mestres consideram como obra primorosa. — A riqueza dos paramentos e alfayas corresponde á magnificencia do templo.

A escola d'Athenas.

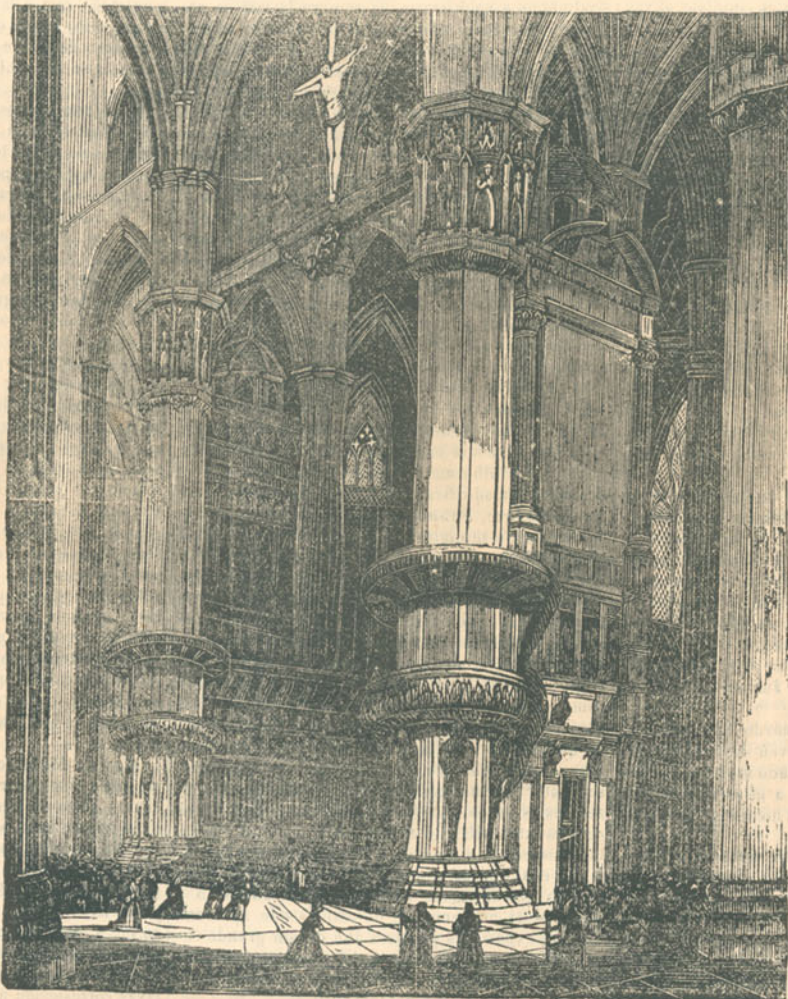
A *escola d'Athenas* é a denominação d'uma celebre pintura no Vaticano em Roma, em que o insigne Raphael quiz representar os methodos de ensinar dos principaes philosophos da Grecia, que em diversas epochas floreceram n'aquella antiga capital da Attica. Não foi a intenção do pintor mostrar á vista a composição de uma escola só; mas sim a successão de todas ellas segundo a ordem dos tempos, de forma que ver o quadro é o mesmo que ler a historia.

Como Pythagoras ensinou em differente região (na Magna Grecia), por isso não está representado na mesma linha dos philosophos athenienses, mas sim no primeiro plano, dando logo na vista, para mostrar a sua grande antiguidade, e a differença do logar da sua residencia: o pintor o figurou escrevendo, encostando o livro ao joelho esquerdo, e apoiando o joelho direito na mesma pedra quadrada em que firma o pé esquerdo; o homem edoso que lhe fica ao pé escrevendo tambem sobre os joelhos é Empedocles, seu discipulo; á esquerda d'este vê-se uma figura inclinada para diquer como para dar attenção ao que Pythagoras escreve: junto d'este mestre ha um mancebo mostrando n'uma taboa figuras symbolicas, e a engraçada physionomia logo mais atraz é (pelo que dizem) o retrato do duque d'Urbino, amigo e protector de Raphael; porque este homem celebre juntou no quadro figuras, que chamaremos accessorias das principaes, que pelas differentes attitudes se notam no todo da composição, e as caras são outros tantos retratos dos bemfeitores e amigos do illustre pintor: tal é pelo menos a tradição historica. O homem contemplativo tambem no primeiro plano, que tem uma penna na mão direita e a face inclinada na esquerda, suppõe-se ser Zeno, fundador da seita estoica, mas

aderente ás opiniões de Pythagoras e de Socrates. Diogenes entra no quadro como cynico; está assentado meio n'os degraus; chamaram-lhe os athenienses *cão* porque em toda a parte comia e se deitava. Em todas as figuras dos diferentes grupos se observam varias expressões de physionomia, denotando maior ou menor grau de attenção e intelligencia.

Quatro degraus acima da escola de Pythagoras está a de Socrates, o immediato na ordem dos tempos; o militar de capacete e todo armado é o celebre Alcibiades: mais para traz ha uma personagem de idade, que é Antisthenes, o cabeça da seita cynica, não por seus costumes, mas por suas opiniões singulares; entre este e o grande Socrates, que está conversando com Alcibiades, divisa-se um mancebo com a mão esquerda sobre o peito e a direita encostada á cara, é Xenophonte, o historiador illustre, o caudilho da retirada dos dez mil, que escuta os discursos do mestre.

Mas lá apparece no centro do quadro magnifico o divino Platão, sobraçando com uma das mãos um livro, e com a outra apontando para o ceo; clara designação da sua creença na immortalidade da alma, e da sublimidade da sua philosophia. A ultima escola é a do assombroso Aristoteles, mestre d' Alexandre o conquistador, homem que soube quanto em seu tempo podia saber-se, e cujas acertadas observações e juizos os modernos tem confirmado: ao lado estão os seus discipulos, entre elles o principal, Theophrasto, autor dos famosos *Caracteres*, com barba comprida e postura grave: as attitudes das figuras d'este grupo são bellas e variadas na pintura original, como todas as d'esta magnifica composição. No primeiro plano, do lado opposto á escola de Pythagoras está um professor de mathematica, que alguns supõem ser Euclides traçando figuras de geometria que explica aos seus discipulos. A proposito citaremos o leitreiro da porta da aula de Platão, que dizia: *Quem ignorar a geometria não entre por esta porta*: tão necessario reputava o principe dos philosophos o conhecimento da mathematica para o estudo de todas as outras sciencias. Por isso o habil pintor, cuja noble arte tanto depende dos preceitos mathematicos, poz a escola geometrica logo, para assim dizermos, no vestibulo do seu quadro, querendo assim mostrar a antiguidade d'este ramo do humano saber, e a indispensavel necessidade de conhecer os seus rudimentos para entrar em qualquer disciplina, como o profundo Platão exigia. Ao pé do géometa estão um principe coroado e um ancião com os dois



Vista do interior da cathedral de Milão.

globos celeste e terrestre, indicando a escola da geographia e da astronomia, e mostrando de quanta estimação é credora, honrada e digna de ser cultivada por todas as edades e hierarchias. Um pouco mais atraz ha dois homens, um mais edoso, outro ainda moço, que ouvem a explicação, e as suas physionomias são os retratos do autor do quadro, Raphael, e de seu mestre, Perugino.

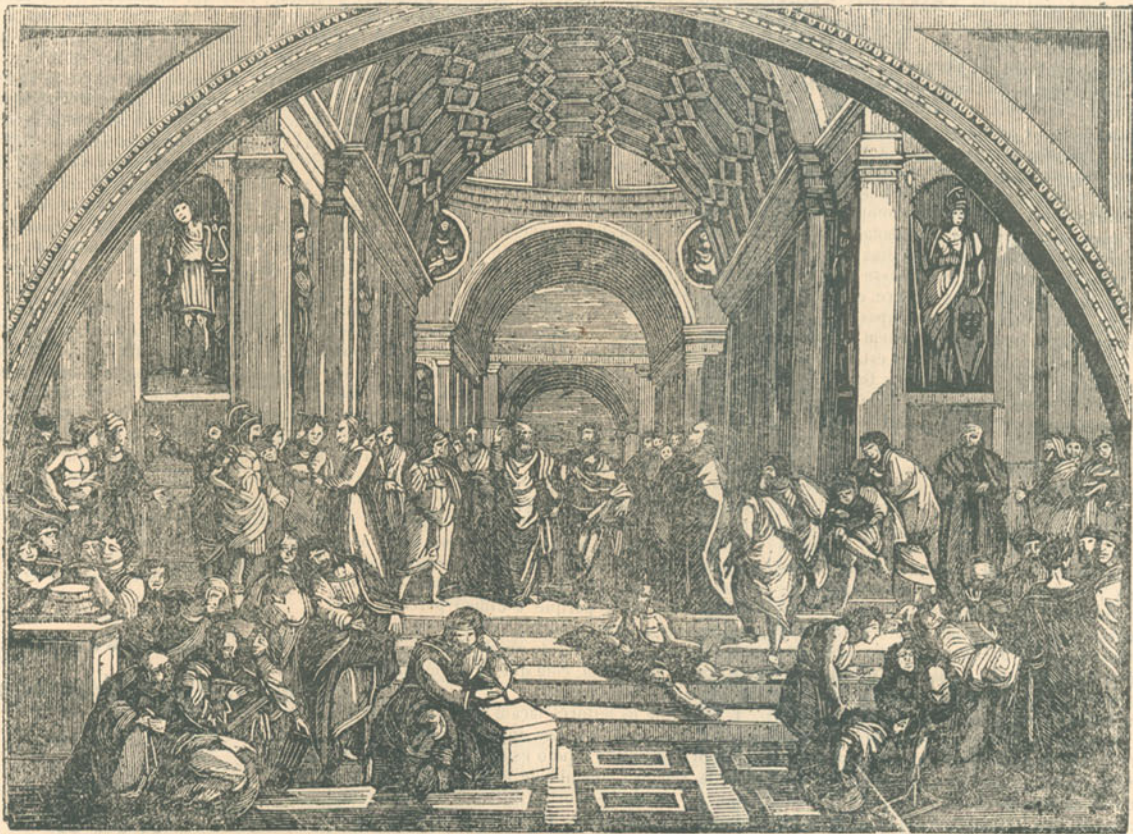
Nesta obra patenteou Raphael d' Urbino o seu talento prodigioso e o conhecimento que tinha da antiguidade, offerecendo em bem acabada allegoria as paginas da historia philosophica dos antigos sabios gregos. Finalmente no pensamento original e no despenho é esta pintura digna do apreço com que geralmente tem sido estimada pelos mestres e entendedores. Na galeria das aulas em Oxford, na Inglaterra, ha uma copia admiravel, em ponto grande, d'esta obra do insigne Raphael.

Paizagem e costumes suissos.

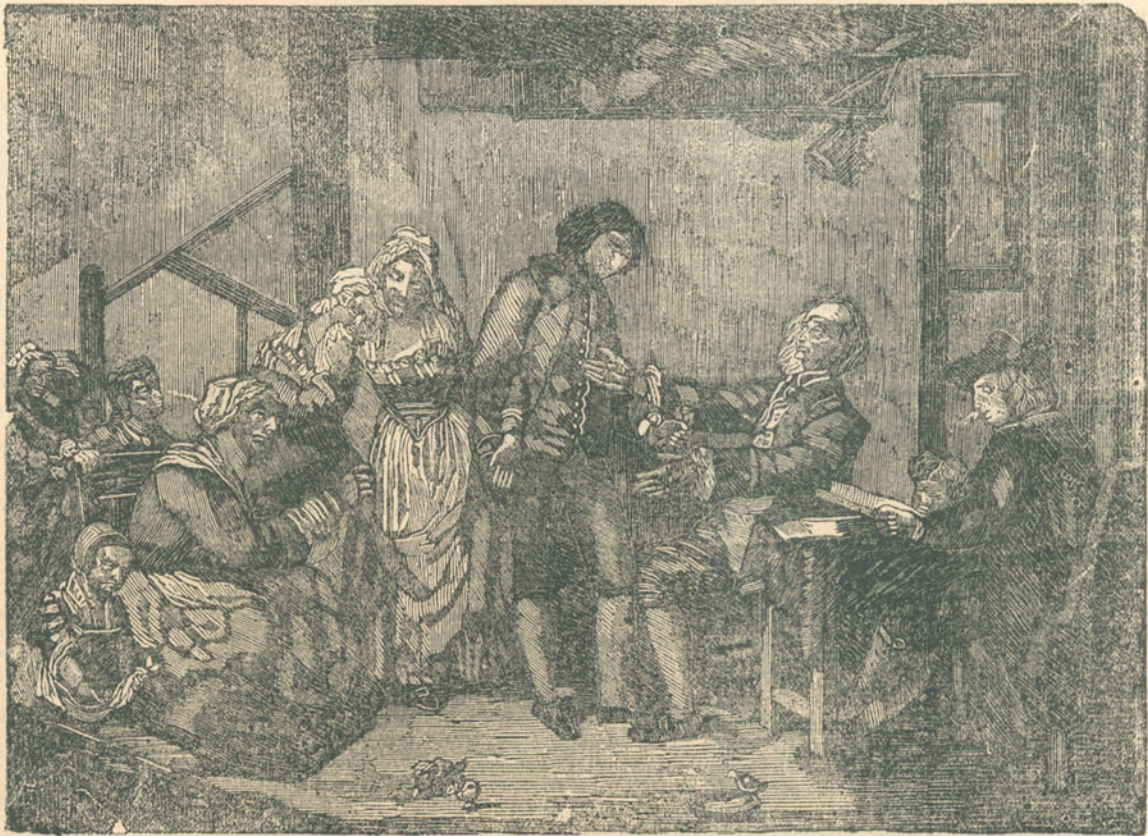
Se gostaes de viajar, de paizagens variadas, da caçada das camurças, das vistas por entre bosques e quebradas, d'ouvir o estrondo das espumosas torrentes, de contemplar o ondado da superficie dos lagos e os effeitos das neves, da diversidade de plantas e flores, de rochedos multiformes, do ceo, ora ennegrecido, ora estrellado; ide á Suissa. . . .



Paizagens e costumes suissos.



A escola d'Athenas: pintura de Raphael.



A noiva da aldeia.

Quereis ver o rio scintillante, o mar de gelo, o valle negro e fecundo, a ponte do diabo, a força e a belleza da terrestre criação; ide à Suíça e achareis o mirante, o cirado da Europa... Se estaes doente, lá tereis aguas thermaes que vos curem; se passaes bem, sentireis que dez vezes se vos augmentam as forças e com a proficua e moderada dilatação dos pulmões se vos estende a vida: como a agua das montanhas banhar-vos-heis no meio das nuvens e a vossa existencia será remocada. Na altura onde subirdes, ah! quanta compaixão tereis das mesquinhas agitações mundanas! Como ali se avizinha da divindade a nossa alma! Na presenca da natureza sublime esvaecem-se as duvidas; ali por toda a parte se reconhece a mão do Omnipotente. Das arvores, das catadupas, das nuvens, dos penhascos, dos abysmos saem milhares de vozes meliodiosas e vaças, que vos estão de continuo bradando: Deus! Deus! Existe Deus! — A immensidade vos sobrecarrega, confunde e aniquila: parece que ouvis ao redor as palavras ironicas de Montaigne: — Ensoberbece-te, se podes, mesquinho homem; mais e mais!

Apoz estas graves meditações, que memorias de illustres nomes vos arrebatam, que recordações andam esvoaçando com doiradas azas sobre esses cabeços, sobre essas cidades e castellos! Primeiro avultam na lembrança os heroes: — Julio Cesar, Guilherme Tell, Napoleão: logo immediatos os archeologos da alma, os historiadores do pensamento: — Rousseau, Byron, Lavater, m.^{mo} de Stael, e muitos. Quando João Jacques discorria pelos desertos de la Meillerie, tão desabridas solidões lhe inspiravam as severas paginas que geraram os começos politicos do seculo presente. Byron para ali consigo trouxe o seu motejador scepticismo: tambem teve o seu quarto d'hora d'entusiasmo; e aquella vida, agitada como as ondas do Rhodano, precipitou-se na eterna noite, exhalando o brado funesto: — «O que sei eu!» — Só a pupilla de Schlegel, Stael, manteve até à ultima a serenidade philosophica, os estudos positivos e serios: só ella, imperturbavel, guiou o escarpello pela organização moral do homem.

Todavia, o que sempre fará amavel a Helvecia aos viajantes de toda a terra é a novidade, a multidão, a variedade das sensações que n'este paiz se experimentam. A Italia, amplissima hospedaria de marmore, tem perdido muito da sua poesia por causa dos passeadores opilados d'estupido entusiasmo, e de admirações, obra d'encomenda: é uma região, onde ha fabricas de vasos antigos, de medalhas, de estatuas, tudo antigo, que se vendem aos inglezes por bom preço: achaeis antecipadamente regulado o vosso itinerario; não podeis experimentar outras commoções d'alma que não sejam as que já sentiram os que vos precederam e vem consignadas nos seus manuaes e registros. — Mas na Suíça a natureza varia d'aspecto a cada passo, a cada momento: aqui ha inverno, neve, bruma, saraiva; mas costeeae aquellas fragas, achareis da outra parte a jucunda primavera, a relva, as flores, as cascatas, o viço da vegetação. De vez em quando ao lado de vós anda o perigo; aspero, mas precioso companheiro, que allivia o peso da dor e prende à vida. — Em breve passaeis a um espectáculo grato e consolador: chegaeis ao hospicio dos religiosos, cuja caridade, melhor que os calculos dos sabios, vos ensina quão proximo estaes do ceo. Que admiravel quadro e o ver esses homens obscuros, de santa vida, e que só erguem o melancolico aspecto para abençoar quem passa, e dizem com suas fallas e feições imperturbaveis que só vivem para Deus tão excelso, mas esquecido no mundo, e adorado n'aquelle deserto! Oh! quanto é interessante a voz da religião, refugiada n'essas abruptas cumiadas e eternos gelos! Como penetra no coração do homem, a quem os prazeres cansam ou as maguas dilaceram!

Muda outra vez a scena magica. Atravessaeis um corredor, abris uma porta, e eis-vos n'uma sala commoda e resguardada, com bom piano, e as mais das vezes agradavel e escolhida companhia: por vinte e quatro horas penduraes à porta os horzequins de viagem, o bordão ferrado de peregrino; ou jogaes, ou ouvis cantar, ou lêdes dois artigos de gazetas, e nos intervallos podeis escutar os gemidos dos ventos por entre a ramagem dos abetos,

os cantos alpestres, os agudos silvos e admoestações dos guias, o soturno fragor das avalanches. No seguinte dia retomaes o trajó de viandante, e continuaes o caminho com mais fervor. Das alturas descobrem-se ao longe as caravanas dos curiosos, que por entre os abetos se vão sumindo e d'ahi a pouco apparecem mais adiante, parando a cada passo para remediarem algum accidente succedido às cavalgadas, ou para se disporem a costear algum tremendo precipicio, que aos proprios cabritos montezes metteria medo. Os mineralogistas no entanto vão quebrando fragmentos de rochas a golpes de martello, os botanicos andam quasi de gatas, curvados para as plantas raras em que o solo abunda, os entomologistas perseguem as borboletas com redes de gaza azul, os pintores desenham esboços, os poetas declamam ou rabiscam, as senhoras meditam ou na paisagem ou nas modas ou nos seus amores, e as mais vellias dizem mal dos que vão no rancho, ou se encommendam aos santos da sua maior devoção. Pelo andar compassado, e sobretudo pelo fumo do cachimbo, se distingue quaes são os alemães, que se misturam pouco com as outras nações, não fallando senão quando a necessidade absolutamente o exige, e quasi nunca viajando sem fim util e determinado. A algazarra, as estrondosas risadas, as interjeições, os oh! e ah! admirativos, denunciam ao longe a jovialidade do caracter francez. Os inglezes conhecem-se pela tesura do corpo, e porque é difficil perceber nas suas pessoas a forma humana, visto que caminham embulhados no seu valido *machintosh*, ou redingote, quasi sem feição, com que se abrigam dos neveiros e rajadas de vento.

É pará que os leitores façam mais cabal idéa do que e a Suíça sob os dois oppostos aspectos, que apresenta, daremos aqui o esboço de duas scenas: uma de reponso, amenidade e vida, outra de turbulencia, estrago e morte: fallamos do banho familiar e da avalanche. Para se comprehender a primeira basta deitar os olhos sobre a gravura, que acompanha este artigo, copia d'um quadro que appareceu em uma das exposições da industria franceza: destituidos das graças da musa pastoril, que inspirou Gesner e Florian, limitaremos a poucas palavras a sua explicação.

Na maior parte da Europa quando se diz *aldeia* subentende-se um grupo ou meia duzia de pinho-las de cascas reles, onde nem sempre ha commo-didade e accio, ou um aggregado de cabanas miseraveis e afumadas; mas quem assim julga não tem a menor idea da elegancia, limpeza e galhardia das aldeas suizas: um *chalet* (habitação durante a estada nas montanhas, onde é a queijaria) é commodo e optimamente fabricado para munir os moradores contra os rigores do inverno: com seus muros branqueados, o tecto de colmo bem construido, as janellas, varandas e portas abrigadas, apraz aos olhos e à imaginação. Collocaes defronte da viveuda uma fonte simples, mas pittoresca, d'onde caem dois transparentes fios d'agua; descobrireis junto da fonte uma montanheza com seu avental de riscado e seu chapéo de palha d'arroz, que assentada n'um tronco bruto dá um banho ao seu caro Benjamin, nú como Adão antes da culpa, na mesma lina, onde nadam dois nedios patos pequeninos: a irmã mais nova do menino, tocada com seu *boné* preto, que dá soltura a duas formosas tranças de loiros cabellos ennastrados, revê-se na agua e contempla o irmão e as aves: outro rapaz, filho dos mesmos paes, que tem na mão uma maçã, e as faces redondas como a maçã, está scismando sem saber em que. Uma rapariga solteira, que veio buscar agua, observa a scena, que lhe suggere copia de reflexões. O valle é talvez o de Engadine, o mais formoso nos Alpes Rhetianos; a agua corrente ao lado esquerdo e provavelmente o rio Inn.

Tudo n'esta pintura é ameno, tranquillo e suave: olhemos agora para outra scena de que a mesma região é theatro, e acharemos o que é assombroso e terrivel. Contemplemos a horrorosa e glacial *avalanche*, que se despenha com um estrondo que se não parece com outro qualquer fragor ou ruido: nenhuma creatura viva lhe responde com brados d'espanto, até o ecco emmudece nas infinitas anfractuosidades das montanhas; esses tortuosos labyrinthos, forrados da geada que os en-

surdece, recebem silenciosos o som confuso da avalanche, que por nenhum outro som é seguido. A quietação muda das regiões onde a natureza como que se envolve n'uma vasta mortalha, augmenta a impressão de horror que suscitam aquelles agudos picos, as assomadas inacessiveis, os descarnados esqueletos, e a libre de perpetuos invernos, estendida como o veo do esquecimento sobre o theatro das mais antigas revoluções do globo. Batendo com o pé, junto a uma fenda já apparente, pode motivar-se a queda d'uma avalanche: ás vezes um tiro d'espingarda, a voz dos viajantes produzem o mesmo resultado. As avalanches de neve reduzida a pó são mais perigosas por causa do grande espaço que abrangem, e sobretudo pelo movimento que incutem no ar. O furacão leva quanto encontra diante, arvores, casas, e por vezes aldeas inteiras: em menos de uma hora ficam apagados os estigios dos caminhos, e a neve sobe a dez pés d'altura sobre o solo: a montanha se abala ate os fundamentos, as arvores batem d'encontro umas ás outras e os ramos se despedaçam, desarraigam-se os rochedos e rodam aqui e ali se topam e lascam-se, as paredes das casas gretam-se, as vigas rangem, os tectos voam pelo ar. No dia seguinte os viajantes parados defronte das ruinas perguntam aos naturaes a historia dos estragos da tempestade da vespera.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

ACTO II.

Uma sala mobilada decentemente. As portas do fundo estão abertas, deixando ver as salas contiguas onde tem logar o baile.

SCENA I.

D. CHRISTINA, SIMÃO, e JULIO.

(D. CHRISTINA sentada n'um sophá, tem um lapis na mão e escreve n'uma elegante carteira bordada. SIMÃO occupa-se em collocar nas jarras os ramalhetes de flores, em quanto que JULIO, sentado ao piano, esvoaça os dedos pelas teclas, finalizando uma walsa qualquer).

D. CHRISTINA — E' linda essa walsa, e admiravelmente executada.

JULIO (*erguendo-se*) — Sempre lisonjeira, minha senhora...

D. CHRISTINA — A prova de que me accusa injustamente, é que vou pedir-lhe que ponha de parte essa musica para logo recitar ao seu acompanhamento, uns versos de que muito gosto.

JULIO — V. ex.^a ordena.

D. CHRISTINA — Papá, a minha relação dos convidados promette-me uma das mais esplendidas reuniões. O senhor barão d'Oliveira, recém-chegado a casa do senhor João de Castro, tambem ficou de vir, e não pode tardar.

SIMÃO — São horas, são: vamos ter uma funcção rasgada.

D. CHRISTINA — Hoje tudo tem sido fadiga e incommodo; é necessario desforrar-nos. O senhor Julio hade prometter-nos vir passar outro dia em nossa companhia. N'essa occasião iremos dar um passeio ao casal da viuva Clara da Ribeira, que é um sitio muito bonito e muito poetico, verá.

SIMÃO — Bem a ouve, senhor Julio, é impossivel indeferir aquelle requerimento.

D. CHRISTINA — Havemos de causar ciume a João de Castro.

JULIO — Não vale tanto a minha insipida companhia.

SIMÃO — Elle é isso! Pois de hoje em diante, considere-se nosso prisioneiro.

D. CHRISTINA — Bem, papá, muito bem. (*a Ju-*

lio) Se tentar fugir, pôr-lhe-hemos sentinellas á vista.

JULIO — Peço perdão, mas é impossível. Em João de Castro se retrahido, heide acompanhá-lo.

D. CHRISTINA — E eu... prohibo-lh'o. (*sorrindo*).
SIMÃO — Veja se pode desattender o positivo d'aquella determinação. Não ha remedio, meu amigo, vou já mandar preparar o seu quarto. Descanse, que o não havemos de encerrar entre ferros em humida masmorra. (*sae*).

SCENA II.

JULIO e D. CHRISTINA.

JULIO — Agradecendo a delicada amabilidade com que se dignou impôr-me a sua vontade, pe-direi licença para desobedecer a v. ex.^a

D. CHRISTINA — Bem sei que na propriedade de João de Castro, entre as flores do seu jardim e o murmuro das aguas... ha um não sei que de afecção que o prende! Esse desejo de voltar...

JULIO — E' uma desconfiança infundada; Cesar d'Almeida, que se hospedou ali comigo, partiria immediatamente se eu não regressasse.

D. CHRISTINA — N'esse caso, como o seu amigo vem hoje tocar-nos algumas variações de rebeca, prendel-o-hemos também.

JULIO — João de Castro estranharia o nosso procedimento.

D. CHRISTINA — Firmarei uma alliança... mas creio que o senhor Julio queria antes alludir á amiga de Margarida.

JULIO — Juro-lhe que não.

D. CHRISTINA (*sorrindo*) — Quer paz ou guerra?...

JULIO — Guerra com v. ex.^a era um arrojto temerario; a paz será antes a doce protecção d'um anjo da guarda.

D. CHRISTINA (*dando-lhe a mão a tocar*) — Não esqueça nunca que n'este momento sagrou uma paz sem mais contratos nem condições...

JULIO (*beijando-lhe com respeito a mão*) — Tenho fé... na caridade de v. ex.^a

SCENA III.

OS MESMOS, JOÃO DE CASTRO e SEBASTIÃO.

JOÃO DE CASTRO (*comprimentando D. Christina*) — V. ex.^a hade perdoar-me, e convir que este maganão tem o mau gosto de abandonar a caça e os amigos, para se entreter a beijar as mãos de todas as senhoras que lhe concedem tão preciosa mercê... Já aqui ha dias fui enconral-o de joelhos beijando graciosamente a mão de Adelaide...

D. CHRISTINA (*dissimulada*) — E' esse então o costume do senhor Julio... desejo aprecial-o devidamente em algum d'esses momentos.

SEBASTIÃO (*deitando-lhe a luneta*) — E' realmente formosa! heide tiral-a para uma contradança, não me hade escapar.

JULIO (*a D. Christina*) — João de Castro quer desacreditar-me em toda a parte, porque não vou á caça, e costume entreter-me pouco no bilhar. (*á parte*) Pobre Adelaide, sempre as culpas sobre ella!

D. CHRISTINA — E a nossa querida Margarida, senhor João de Castro?

JOÃO DE CASTRO — Vem um pouco mais tarde; acompanhá-a o barão d'Oliveira, e o filho de Sebastião de Miranda.

SCENA IV.

OS MESMOS, e SIMÃO.

SIMÃO — Ora vivam, meus amigos, desculpem-me não ter vindo apenas entraram; andava cuidando de certos arranjos...

JOÃO DE CASTRO — Demos um passeio magnifico á beira do rio; era um gosto ver o meu caro Sebastião de Miranda saltando as pedrinhas para não metter o bico do pé dentro d'agua. O que me ia perdendo de riso, foi o pulo que deu cheio de susto por ver saltar uma rã diante de si. Se lhe não deito a mão, estava agora n'uma sópa.

SEBASTIÃO — Eu ainda não vi homem que minta

mais para fazer espirito! Então a rã é que me assustou? Uma rã é que me podia fazer cair!... A petta não é má... o caso não passou d'uma escorregadela, e como n'este mundo se anda sempre a escorregar...

D. CHRISTINA (*com intenção*) — Parece-me que o senhor João de Castro tem o defeito de accusar injustamente os seus amigos...

SEBASTIÃO (*á parte*) — A modo que vae tomando interesse por mim...

JOÃO DE CASTRO — Pelo contrario, minha senhora, elles é que são uns hypocritas que me querem fazer passar por calumniador.

SIMÃO (*que se tem occupado em dispor alguns objectos pela sala*) — Meus amigos, venham d'ahi, quero-lhes mostrar as outras salas, verão que abundancia de flores.

SEBASTIÃO (*que vae para dar o braço a D. Christina, no momento em que Julio lh'o toma*) — Codilhou-me! (*a Simão*) Se v. s.^a me dispensa, ficarei aqui descansando.

SIMÃO — Nada de ceremonias, liberdade completa. Christina, vae com o senhor Julio por esse lado ver se tudo está em ordem e á tua vontade, que eu faço o mesmo por aqui. (*passam á outra sala tomando um á direita e os dois á esquerda*)

SCENA V.

JOÃO DE CASTRO e SEBASTIÃO.

SEBASTIÃO — Então que te parece o tal senhor Julio, não se me safa com a rapariga?

JOÃO DE CASTRO — Que demonio tens tu com D. Christina? Amores no caso, hein?... (*rindo*) Ah! ah! ah!

SEBASTIÃO — Não rias! o amor quando vem do coração, quando rebenta vivo, ardente e frenetico, não tem limites nem conhece barreiras. Duas palavras te explicarão tudo: estou resolvido a casar-me!

JOÃO DE CASTRO (*deixando-se cair no sophá*) — Estás doído!

SEBASTIÃO — Não confundas, estou apaixonado!

JOÃO DE CASTRO — Apaixonado! (*rindo*) Ah! ah! ah!

SEBASTIÃO — Está bom, faze favor de te não rires, aliás peço-te o obsequio de me deixares conversar com as paredes. Preciso desabafar.

JOÃO DE CASTRO — Desabafa, homem, desabafa! Não te zangues... vamos lá, conta-me as tuas aspirações.

SEBASTIÃO — Vi D. Christina e amei-a logo.

JOÃO DE CASTRO — Fizeste muito bem, mas foi tarde, já houve quem primeiro a amasse.

SEBASTIÃO — Queres dizer com isso?...

JOÃO DE CASTRO — Que ficas como d'antes.

SEBASTIÃO — Zombas de certo?! Não vi eu o interesse com que ainda ha pouco me defendeu das tuas arguições?...

JOÃO DE CASTRO — Mas tambem vi quando vinha entrando, que Julio de Menezes lhe beijava a mão affectuosamente. Ora quando um rapaz d'aquelles beija a mão a uma senhora que se não zanga de tal liberdade...

SEBASTIÃO — Não me illudes e affianço-te que perdes o tempo; nada acredito, cada vez gosto mais d'ella, e isso de beijar a mão é um comprimento da moda.

JOÃO DE CASTRO — Ora, adeus! lembra-te que Julio é um rapaz, em quanto que tu, já és maduro, já...

SEBASTIÃO — Maduro! eu! erganas-te, sou ainda tão amavel que ninguem me resiste.

JOÃO DE CASTRO — Que demonio te transtornou d'esse feitio?

SEBASTIÃO — E's um desalmado que não attendes ao amor. Nunca sentiste um affecto verdadeiro, és um homem sem coração!

JOÃO DE CASTRO — Entende-me, não vim ao mundo para andar atraz das mulheres, como se fosse o seu dogue inglez.

SEBASTIÃO — Dogue! é um epitheto que me diriges?

JOÃO DE CASTRO (*erguendo-se e passeando*) — Homem, estás hoje semsaborão! Enjoam-me essas toleimas.

SEBASTIÃO — Toleimas!... (*seguindo-lhe os pas-*

sos) Preciso d'uma esposa terna, e nada ha como isso: o casamento traz-nos uma companhia aos desenganos da vida, uma socia aos nossos desgostos e ás nossas alegrias.

JOÃO DE CASTRO (*sem parar*) — Quando acabarás tu de causticar-me com semelhantes bernardices?...

SEBASTIÃO — Bernardices! ora que tal! Todo o homem que assim pensa, precisava um castigo severo e exemplar; todo aquelle que não tem estas aspirações... queres que te diga?... Não é um homem!

JOÃO DE CASTRO — Pois guarda as tuas aspirações e o teu systema; eu por mim não o adopto, não o quero adoptar, nunca o adoptarei.

(*Alguns pares vão atravessando a sala contigua.*)

SEBASTIÃO — Mas confessa ao menos que é um bello estado o teu. A vida é inteiramente outra, não é? Oh! se ella me corresponder serei o seu escravo, e escravo feliz... porque beijarei as minhas cadêas.

JOÃO DE CASTRO — O' homem, sê embora escravo, o que quizeres, mas não me atormentes mais com semelhantes disparates. (*saindo*)

SEBASTIÃO (*seguindo atraz d'elle*) — Disparates, João de Castro... disparates! Homem, tu és um desalmado... és um... (*sae*)
Continua.

O monge.

Açoitando a verde relva
Bramia o vento na selva,
Como o rugir do leão,
E o seu ecco se perdia
Na longinqua penedia
Qual ribombô de trovão.

Entre as nuvens, magestosa,
Pallida a lua, formosa
Em vão tentava romper,
Por instantes assonbrada,
Como a virgem recatada
Receiosa de appar'cer.

Caía a chuva na terra,
Escorrendo pela serra,
Em ondas, levando ao mar
De rastos, sobre a corrente,
O malmequer innocente,
E o carvalho secular.

Estala o raio no monte,
E o vasto, negro horizonte
Se illumina á incerta luz,
Deixando ver n'um vallado
Um er'miterio isolado,
Tendo por guarda uma cruz.

Sósinho na estreita cella,
Que fica junto á capella,
Se vê um monge a rezar;
No grosso livro inclinado
Parece todo engolfado
Em profundo meditar.

Qual vasto campo lavrado,
Tem magro rosto marcado
Das rugas que o tempo fez;
A cabeça é neve pura,
Nos olhos brilha a doçura,
E tem côr de bronze a tez.

Pela fresta mal cerrada
Entra a chuva, que açoitada,
Pelo vento o vem banhar;
Nas longas cans aneladas
Deixa as gottas regeladas
Como perolas rolar.

Não as sente, que embebido,
Orando no livro qu'rido
Tem todo o pensar no ceo.
Nem sequer ouve a tormenta,
Que fora rugê e rebenta
Com tão medonho escarceo!

Era o quarto d'alvorada,
Quando estrondosa argolada
Sentiu na porta gemer.
Vinhão depressa chamal-o
Para do monte leval-o
A ajudar a bem morrer.

O livro deixa em que lia
Para ir dar por noite fria
Extrema consolação
Ao infeliz moribundo,
Que abraça ao fugir do mundo
Santa cruz da redempção.

Com descoberta alva fronte
Vem descendo pelo monte
Com passo firme, equal;
Mas parece que avançando,
Vae para longe afastando
O medonho temporal.

Secca-se a terra encharcada
A cada santa passada,
Que o bom velho n'ella dá.
Não ruge o vento na valla,
E o raio mesmo se estala,
E' muito distante já.

Magestoso era da serra,
Taes elementos em guerra
Ver combater com furor,
E na contenda cessarem
Ao ante si avistarem
Um ministro do Senhor.

.....
Era já de madrugada,
Quando á cella regressou;
Trazia a fronte inclinada,
Meditando o que passou;

Que o moribundo expirava
Ouvindo os conselhos seus,
E morrendo murmurara:
«Padre, orae por mim a Deus!»

E o bom do velho chorava
O pranto do coração,
E na serra ajoelhava,
P'ra rezar uma oração.

Erguido o sol sobre o monte
Já reflectia na cruz,
E no azulado horizonte
Espargia d'oiro a luz.

As aves em meigo canto
Folgavam por ver o sol,
Que vinha d'orvalho o manto
Romper sobre o gyrasol.

A lampada amortecida,
Que o bom do monge deixou,
Era quasi já sem vida
Quando elle na cella entrou.

O vento as folhas voltara
Do breviario em que lia,
E o livro aberto deixara
Na passagem que dizia:

«Nossa vida é luz brilhante
«Fulgindo na escuridão,
«E que morre n'um instante
«A' mais branda viração.»

Santa Apollonia, 24 d'Agosto
de 1857.

ALFREDO D'ATTAIDE.

Um passeio ás hortas.

Uma tarde saí na fraca sola,
E p'ra dar um passeio fui ás hortas,
Aonde os amadores da pingola
Vão animar com vinho as tripas mortas;
E despejando, a rir, muita quartela,
Não atinam á noite com as portas;

E o espectáculo dão a todo o povo,
Que o *Taborda* nos dá no *vinho novo*.

A certa quinta eu chego; o vejo escripto
No alto do portão gordo lettreiro,
Onde o dono da casa tinha dito
A mentira maior de um taberneiro:
Dizia: «*vinho bom, e peixe frito,*
«*E tudo sem gastar muito dinheiro;*»
Mas o peixe era bom só para gatos,
O vinho nauseabundo mata-ratos.

Entro em quinta espaçosa, onde se viam
A' sombra de parreiras bancas largas;
Ali bons patuscões se divertiam
Esquecendo de dór horas amargas;
Se comiam mui bem, melhor bebiam,
E, soltando de riso mil descargas,
Mostravam que a alegria verdadeira
Morava ali debaixo da parreira.

Chiava na esquentada frigideira
O magro carapau, secca sardinha,
Que mascarrada, e velha cozinheira
Frigia lá n'um canto da cozinha.
Este bello petisco ao longe cheira,
E consola os narizes da gatinha,
Que, por ter appetite a toda a prova,
Nada lhe sabe mal, nada reprova.

Em um prato, na borda já quebrado,
E que inda uma só vez não viu limpeza,
Se via um alto monte levantado
Do peixe, que frigiu *tia Thereza*;
E que esperava em breve ser levado
D'ali, appetitoso, para a mesa,
Junto com as salgadas azeitonas,
Que sabem arranjar tão boas monas.

Ao balcão se divisa, gordo e nédio,
Vermelho taberneiro arregaçado,
Que vae vendendo a todos o remedio,
Que se bebe contente, e de bom grado,
Que dos mortaes afasta o negro tedio,
Faz um homem feliz de um desgraçado;
E, dando nas guelias larga rega,
Transforma uma barriga n'uma adega.

Um requer um quartilho, outro canada,
Este pede do tinto, aquelle branco,
Um bebe mesmo em pé, porque lhe agrada,
Outro vae-se sentar além n'um banco;
Est'outro deixa o copo sem ter nada,
Aquell'outro em pagar mostra-se franco,
E todos n'estes bacchicos trabalhos
Põem as tripas mui bem de vinha d'alhos.

Depois canta-se em côro alegre moda,
Ao som do cavaquinho acompanhada,
E aquella *santa* gente salta toda
Em dança muito bem cambaleada;
De quando em quando o copo gyra em roda
P'ra tornar a funcção mais animada:
Riem todos ali, fazem-se apostas,
Uns caem de barriga, outros de costas.

Aonde é mais direito e liso o trilha
Se vêem de cachimbo, ou de cigarro,
Jogando como mestres o chin quilho,
Alentados pimpões, qual mais bizarro;
Nas faces se lhes vê vermelho brilho,
Pois tendo ao lado seu bilha de barro,
De quando em quando bebem largos tragos
Do licor que se extrahê dos roxos bagos.

Este balsamo santo das tabernas
Em todos novo ardor cria, e desperta,
Faz-lhes de dia ver muitas lanternas,
Dá-lhes vista melhor, e mão mais certa;
Embora muita vez lhes verguem pernas,
Não afrouxam, não cansam n'esta festa,
Ha tal, que, quando a bilha pôe vazia,
Faz melhor ao paulito a pontaria.

Quentes, e de suor bem alagados,
Por causa de atirar pesada malha,
Não receiam o ver-se constipados,
Pois teem perto o remedio, que não falha;

Não jogam a dinheiro; os derrotados,
Os que ficam vencidos na batalha
Renhida, e fortemente disputada,
Mandam vir para o rancho uma canada.

Além, no chão sentados, mui contentes,
Vejo creanças, homens e mulheres,
Ferrando em carne assada avidos dentes,
Tendo, apenas, os dedos por talheres;
Uma caneca, e dois copos diff'rentes
Cheios d'essu licor, que dá prazeres,
Gyra de mão em mão, de bocca em bocca,
Até que todos elles tenham touca.

Mais ao longe outro grupo se divisa,
Onde dois valentões, rapazes guapos,
Ambos elles em mangas de camisa,
Esmurram os narizes com supapos:
Um arranha do outro a cara lisa,
E as calças de cotim lhe faz em trapos;
Mas este puxa logo de navalha,
E prepara-se a dar cruel batalha.

Eis se levanta um velho, a quem os gazes
Do vinho transtornaram a caveira;
P'ra fazer entre os dois depressa as pazes
Se expressa, em alta voz, d'esta maneira:
«Schiu, schiu! pouco barulho... ole! rapazes!
«Olhem que é muito feia brincadeira,
«Por causa d'um namoro haver quisilias,
«Que podem dar desgostos ás familias.»

Erguendo ao ar, então, uma caneca
De loiça — se não fina, nacional, —
Ergue tambem a voz, e os bofes secca,
Pregando um sermão grande de moral:
«Desordens p'ra que são?... Leve-as a breca!
«Haja harmonia em todo o *Portugal*,
«Rapazes... aqui teem... vá... uma pinga...
«Meu amigo não é quem mais resinga.»

O famoso discurso improvisado
Convence estes pimpões, que se aggrediam,
E, amigos outra vez, um do outro ao lado,
Pela mesma caneca os dois bebiam:
Com palavras sinceras, e de agrado,
Da lucta muito bem se arrendem;
E, jurando amizade até á morte,
Arranjaram piella muito forte.

Mas eis que se aproxima a noite escura,
E toda aquella gente, satisfeita,
O caminho de casa, então, procura,
Cantando pela rua, que acha estreita:
Um encosta-se ao muro, e se segura,
Outro tropeça aqui, ali se deita;
E, chegados a casa, bem se julga
Que dormem sem sentir nem uma pulga.

Não sei se esta pintura está completa,
Ou se o quadro precisa alguns retoques;
Que o diga quem tambem se faz poeta,
Fazendo abrir ás pipas os bafiques;
Que o diga; e se quizer, tome a *palheta*,
Dê-lhe com seu pincel ultimos toques,
Que este quadro que fiz, não de encomenda,
Se m'o derem por bom, vou pôl-o á venda.

J. I. D'ARAUJO.

As maximas do evangelho tendem a propagar as
luzes, e a civilisação; as do fanatismo conduzem
á ignorancia, e escravidão.

A aspereza na reprehensão só deverá ser em-
pregada, depois de esgotados inutilmente os meios
da docilidade, e brandura.